

Análise da Matriz Curricular dos Programas Dois Toques e Jogo Aberto na perspectiva do respeito às diferenças e da equidade de gêneros: A Educação Física Cultural no bairro do Caju/RJ

Gabriel Magalhães Rodrigues Coelho¹

Felipe Pítaro Ramos²

RESUMO

Este trabalho consiste em uma análise do documento norteador das atividades de Educação Física e esporte educacional da Fundação Gol de Letra. A instituição é uma organização da sociedade civil que atende mais de mil e quinhentos alunos nos dois programas analisados. A Matriz Curricular dos programas revela o referencial teórico utilizado, os princípios pedagógicos, os principais temas desenvolvidos e a metodologia das aulas. A Educação Física e o esporte podem ser lugares de reserva da hegemonia e reprodução dos preconceitos, principalmente que envolvem gêneros, sexualidades e padronização dos corpos. É importante analisar a Matriz Curricular entendendo a inclinação da instituição em preservar princípios como a coeducação, inclusão e participação de todos. A pesquisa bibliográfica que apoia essa produção está focalizada principalmente nas tematizações do esporte com foco nas questões de corporeidade, inclusão, práticas antirracistas e decoloniais através da Educação Física Cultural proposta por Neira (2016-2023) e nas discussões sobre as desigualdades de gêneros e o respeito às diferenças através de Louro (1998-2023), Altmann (2015), Auad (2006), Brito (2015) e Saraiva (2005). Para ampliar a análise e reflexões sobre as práticas pedagógicas examinadas na Matriz Curricular foram realizadas entrevistas semiestruturadas com alunas e alunos dos programas Dois Toques e Jogo Aberto. O resultado da revisão bibliográfica, da análise documental através da Matriz e dos depoimentos traz perspectivas interessantes das abordagens metodológicas dos programas da Fundação Gol de Letra ao tematizarem os esportes com elementos de enfrentamentos sociais, diminuição das desigualdades e respeito às diferenças.

Palavras-chave: Equidade, Corporeidade, Diferenças, Educação Física, Esporte.

INTRODUÇÃO

O esporte é uma importante manifestação cultural da atualidade que possui ampla disseminação em nosso país. O fenômeno esportivo vem sendo estudado durante as últimas décadas, entendido inclusive com prática pedagógica na área de Educação Física. Desta forma ganhou contornos de protagonismo como ferramenta de educação nas aulas de Educação Física escolar e em oficinas de projetos sociais. Neste trabalho propomos uma análise da estruturação do documento norteador das ações pedagógicas esportivas de dois programas que acontecem no bairro do Caju, zona portuária do Rio de Janeiro,

¹ Mestrando em educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, faculdade de formação de professores – UERJ/FFP na linha de políticas e desigualdades sociais, gabrielmrc@hotmail.com;

² Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais – CPDOC Fundação Geúlio Vargas Rio de Janeiro, felipe.pitaro@goldeletra.org.br;

através da organização da sociedade civil (OSC) Fundação Gol de Letra. Este documento, chamado de Matriz, traz em sua escrita as principais linhas de trabalho e o apoio bibliográfico dos conceitos desenvolvidos nas ações com os alunos. Sobre a Fundação Gol de Letra, Coelho e Sousa dizem:

Criada em 10 de dezembro de 1998, Dia Internacional dos Direitos Humanos, a Fundação Gol de Letra é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que nasceu do sonho dos tetracampeões mundiais de futebol Raí e Leonardo de dar novas perspectivas de vida a crianças e jovens de comunidades socialmente vulneráveis, contribuindo para ampliação de seu repertório esportivo, educacional e cultural (COELHO e SOUSA, 2023, p. 1-2).

As OSC's têm representado um setor importante da sociedade, principalmente no trabalho com crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. No caso da Fundação Gol de Letra o esporte é um eixo central das ações pedagógicas para esse público. Essa colaboração das OSC's com o estado, pode proporcionar mais atividades qualificadas para os beneficiários dos projetos e programas.

As organizações da sociedade civil (OSCs) no Brasil definem temas centrais em discussões na esfera pública e exercem atividades de interesse coletivo que ecoam os setores mais diversos da sociedade. Irradiar campanhas para enfrentar a violência de gênero, ampliar a oferta de leitos no sistema nacional de saúde, propor metodologias de ensino alternativas em escolas, preservar a fauna e a flora das ameaças da intervenção humana são exemplos do amplo e diverso espectro de políticas sob alçada das OSCs e constituem parte essencial das capacidades de formular e implementar do próprio poder público. Mesmo o Estado equipado com os mais abrangentes e criativos quadros da burocracia, requer essa colaboração (LOPEZ, 2018).

A Fundação Gol de Letra tem mais de vinte e cinco anos de atuação nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Milhares de crianças, adolescentes, jovens e adultos passaram pelas diversas oficinas realizadas nos projetos da instituição. Segundo o site oficial da Gol de Letra³, seus projetos têm como parte da sua missão promover a educação integral de crianças, adolescentes e jovens por meio do esporte. Essa promoção da educação integral acontece em parceria com outros atores sociais fundamentais, como as escolas públicas. Desta forma, passa a ser complementar nos processos de educação dos beneficiários que participam dos programas.

Sob a ótica estatal, a participação das OSCs seria vista como mecanismo de fortalecimento das políticas públicas, na medida em que contribuem para expandir o raio de ação, ampliar a legitimidade em torno da ação governamental ou mesmo aprimorar esforços voltados para a democratização de espaços públicos mediante a inclusão de novos atores na produção de políticas – sem que isso implique, necessariamente, redução das responsabilidades estatais sobre determinados temas. Na verdade, a colaboração entre Estado e OSCs é vista como uma relação pautada pelo

³ www.goldeletra.org.br.

caráter de complementaridade na provisão de serviços e bens públicos (MELLO et al, 2019).

O conceito de educação integral traz consigo uma perspectiva colaborativa entre os diversos setores para a construção dos universos educativos nos diferentes espaços, territórios e localidades. A educação, em sua perspectiva emancipatória, pode ser potencializada pela articulação dos diferentes atores sociais que atuam nos territórios. Sendo assim, escolas e OSC's podem trabalhar de forma conjunta para esse fortalecimento. Nesse aspecto, a Fundação Gol de Letra passa a ser um importante local de pesquisa para entender como o esporte, como ferramenta de educação, vem sendo desenvolvido por essa instituição. A educação integral, segundo Gadotti, valoriza o reconhecimento da integralidade dos sujeitos.

A educação integral reconhece a pessoa como um todo e não como um ser fragmentado, por exemplo, entre corpo e intelecto. Que esta integralidade se constrói através de linguagens diversas, em variadas atividades e circunstâncias. O desenvolvimento dos aspectos afetivo, cognitivo, físico, social e outros se dá conjuntamente (GADOTTI, 2009).

Com um trabalho vocacionado para a diminuição das desigualdades sociais, visto que desenvolve seus programas em locais de vulnerabilidades, é importante verificar como os programas da Fundação Gol de Letra lidam com questões como a equidade de gêneros, o respeito às diferenças e outras intersecções. O esporte foi marcado em sua história como um espaço de privilégio para os corpos fortes e saudáveis. A Educação Física no Brasil teve grande influência do militarismo e do higienismo. Essas vertentes favoreceram a criação de estereótipos e padrões para o esporte, com privilégios para práticas dos meninos em detrimento das meninas.

Nas práticas escolares e não escolares, assim como nos espaços públicos como quadras e praças, os meninos tendem a ocupar em maioria as atividades esportivas. É comum nas escolas que, de certa forma, os espaços de livre circulação sejam reservados para os meninos, como se isso fosse natural ou a ordem das coisas (LOURO, 2014, p. 64).

A luta dos grupos subordinados que clamam pelo reconhecimento dos seus direitos é tema central na composição de espaços que legitimem as diferentes culturas. Entendendo a escola como um desses ambientes, abordar a questão da diferença é fundamental para a valorização e solidarização com outrem, porém, em tempos de recrudescimento de valores conservadores, articular um currículo de Educação Física sob a cunha da diferença não é uma tarefa de pouca monta. O trabalho pedagógico inspirado nesse princípio realiza a ação contra-hegemônica de desestabilizar o privilégio das práticas corporais elitizadas, abrindo fendas para a penetração de saberes oriundos de outros setores da malha social. Tal princípio impede a perpetuação da perspectiva monocultural, ou seja, a premência de uma só visão de mundo (NUNES e NEIRA, 2017, p. 471).

No ambiente escolar e não escolar, aprende-se como movimentar-se, a forma de ser aceito ou não, se você é popular ou impopular, se nas aulas de Educação Física você é um destaque ou não, se seu corpo é forte, rápido, flexível ou não. Todos os envolvidos nesses movimentos de deslocamentos vão constituindo, de certa forma, suas identidades “escolarizadas” (LOURO, 2014, p. 65).

Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporado por meninos e meninas, tornando-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores “bons” e desdentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar; fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras... E todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem diferença (LOURO, 2014, p. 65).

A Matriz curricular dos Programas Jogo Aberto e Dois Toques está apoiada em uma perspectiva que busca atividades inclusivas e coparticipativas, que vão além da aprendizagem simples dos gestos motores das modalidades esportivas. Essa Matriz está alinhada com um conceito cultural de tematização dos esportes, que busca tensionar questões sociais e políticas através das práticas corporais.

Para Nunes e Neira (2017), no “currículo cultural, os esportes são entendidos como textos da cultura, formas de expressar sentimentos, ideias e valores e, conseqüentemente, são marcadas por relações de classe, etnia, religião, gênero, geração, etc.” (p. 466).

METODOLOGIA

O trabalho foi realizado em forma de pesquisa qualitativa, com análise do documento norteador dos programas Jogo Aberto e Dois Toques, da Fundação Gol de Letra. De acordo com Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 13-14), a riqueza de informações que se pode ser extraída e resgatada dos documentos justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais, uma vez que possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.

Para ampliar a visão sobre as abordagens pedagógicas e como elas impactam no público beneficiário dos programas, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com

quatro alunos com idade entre quinze e dezessete anos. Segundo Boni e Quaresma (2005, p. 73), as entrevistas semiestruturadas são muito utilizadas em pesquisas que buscam aprofundar temáticas específicas.

Esses quatro alunos beneficiários dos programas responderam nas entrevistas as seguintes perguntas norteadoras: 1. A Gol de Letra colaborou com a sua formação? Como foi? 2. Você percebe que as atividades da Gol de Letra buscam uma perspectiva inclusiva? Como funciona? 3. Você aprendeu sobre igualdade de gênero na Gol de Letra? 4. Você aprendeu sobre antirracismo na Gol de Letra? Como foi?

REFERENCIAL TEÓRICO

Para iniciar uma contextualização teórica, é importante pontuar que nesta pesquisa trabalhamos com o conceito de tematizações do esporte através da lente da Educação Física cultural (NEIRA, 2016-2018; NUNES e NEIRA, 2017), valorizando o respeito às diferenças e diversidades.

O currículo cultural da Educação Física realiza a leitura da gestualidade materializada nas práticas corporais, sem qualquer julgamento de valor. Não busca o melhor rendimento ou a aquisição e manutenção da saúde, nem tampouco a execução motora considerada adequada. No currículo cultural, as brincadeiras, danças, ginásticas, lutas e esportes são entendidos como textos da cultura, formas de expressar sentimentos, ideias e valores e, conseqüentemente, são marcadas por relações de classe, etnia, religião, gênero, geração etc. (NUNES e NEIRA, 2017, p. 466).

Nesse caso, Nunes e Neira (2017) ressaltam a importância do não julgamento de valor nessas práticas. O esporte no eixo educacional não deve estar a serviço prioritariamente da melhora do rendimento esportivo ou na capacidade de executar adequadamente movimentos motores específicos que irão gerar performance em campeonatos e competições.

Segundo a Matriz analisada, o trabalho realizado nos programas Jogo Aberto e Dois Toques busca desenvolver os conteúdos de jogos, brincadeiras e esportes articulados com as possibilidades de práticas corporais plurais. Princípios pedagógicos alinhados com a Educação Física cultural buscam romper com privilégios.

O trabalho pedagógico inspirado nesse princípio realiza a ação contra-hegemônica de desestabilizar o privilégio das práticas corporais elitizadas, abrindo fendas para a penetração de saberes oriundos de outros setores da malha social. Tal princípio impede a perpetuação da perspectiva monocultural, ou seja, a premência de uma só visão de mundo (NUNES e NEIRA, 2017, p. 471).

Neira (2018, p. 13) colabora com as propostas metodológicas da Matriz analisada quando propõe outro caminho além das teorias críticas que vêm sendo trabalhadas nas últimas décadas pela Educação Física. Assim, o currículo cultural ou Educação Física cultural assume um discurso a favor das diferenças em uma perspectiva decolonial buscando avançar nos conceitos propostos por teorias como a psicomotora, desenvolvimentista e crítica.

As práticas pedagógicas da Fundação Gol de Letra, conforme a Matriz analisada, estão profundamente preocupadas com a igualdade de gêneros. Essa atenção com as abordagens utilizadas nas aulas visa estimular que todas e todos tenham oportunidades de protagonismo. Além das práticas, existem rodas de conversas e temáticas que circulam nas aulas sobre as desigualdades de gêneros e as padronizações dos corpos.

Aulas de educação física que rejeitam o debate de gênero constantemente presente nesses espaços e tempos escolares, assim como interdições às abordagens perpassadas por perspectivas feministas, promovem relações de gênero em seus arranjos mais desiguais, conservadores, cristalizados e empobrecedores de múltiplas vivências corporais (AUAD e CORSINO, 2018, p. 6).

Quando discutida a discriminação da mulher no esporte neste trabalho, ampliando para as pessoas LGBTQIA+, é fundamental o entendimento de todos os processos interseccionais que essas opressões entregam para os diferentes corpos. “Ao questionar esses mecanismos de legitimação, o termo interseccionalidade se tornou um conceito de uso corrente para designar a interdependência das relações de poder, de raça, de gênero e de classe” (AUAD e CORSINO, 2018, p. 3).

De acordo com Saraiva (2005), é possível afirmar que “na educação Física, tanto quanto na educação familiar e escolar, reflete-se, ainda, um viés sexista que transformou a mulher em um ser submisso, obediente e dócil” (...) (SARAIVA, 2005, p. 27). Esse processo entrelaçado de opressões e desigualdades é fruto de um emaranhado de relações sócio históricas. Existe uma forma hegemônica do ser humano ideal, e esse é o homem branco europeu, heterossexual e cis. A Educação Física e os esportes são frutos dessa história e também contribuíram para essa hegemonia.

Normatizar as atividades escolares para meninos e meninas, dividi-las e classificá-las em masculinas e femininas é hierarquizar os mais variados sentidos atribuídos ao gênero no espaço escolar, repetindo, de forma performativa, as concepções enraizadas nas tradicionais dicotomias já existentes (BRITO, 2015, p. 81).

Diante dessa análise sobre a história da Educação Física, fica evidente a necessidade de romper com essa lógica que padroniza os sujeitos. Nos programas analisados da Fundação Gol de Letra, a Educação Física cultural está presente também nesse entendimento social e histórico, que de forma interseccional fomentou as diversas opressões sobre os corpos.

Na Educação Física cultural, o ponto de partida do trabalho pedagógico é a ocorrência social da brincadeira, dança, luta, esporte ou ginástica. Orientados pelo princípio da ancoragem social dos conhecimentos, professor ou professora propiciam a análise sócio-histórica e política da prática corporal (NEIRA, 2018, p. 54).

A compreensão da necessidade de uma Educação Física que rompe com os privilégios determinados para certos corpos em detrimento de outros, inclusive entendendo o esporte com tema fundamental para discussões e tensionamentos que desestabilizem esses padrões de opressões está evidenciado no referencial teórico deste trabalho e também na Matriz curricular dos programas da Fundação Gol de Letra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a análise da Matriz curricular dos programas Dois Toques e Jogo aberto da Fundação Gol de Letra, é possível perceber o engajamento da proposta pedagógica com a Educação Física e o esporte com foco educacional através da vivência de atividades que possibilitem que os diversos corpos sejam respeitados em suas pluralidades.

A Educação Física cultural assume uma posição a favor dos mais fracos, dos que ao longo do tempo não viram suas produções culturais corporais contempladas pelos currículos escolares. Rejeita o jogo dos poderosos, prefere enfrentá-los com um olhar pedagógico (NEIRA, 2018, p. 52).

A valorização das diferenças parece ser uma grande preocupação nas propostas dessa Matriz, ancorando as ações em práticas que buscam a inclusão de todos e o protagonismo das pessoas que, em geral são silenciadas ou postas às margens. Os objetivos do trabalho se mostram muito além de apenas jogar ou competir, mas sim através dos jogos e dos esportes promoverem grandes debates sociais e também políticos.

O currículo cultural valoriza o estudo de práticas corporais que possuem lastro social, sentido e significado para os grupos que delas participam. Os grupos vistos como diferentes também têm suas formas de manifestação elencadas como objetos de estudo e, conseqüentemente, suas características e peculiaridades se farão representar, abrindo possibilidades para que suas vozes, por vezes silenciadas, ecoem e influenciem a constituição da subjetividade dos estudantes e professores (NUNES e NEIRA, 2017, p. 472).

Os marcadores sociais são entendidos na Matriz como interseccionais, dando luz a diferentes formas de opressão, principalmente focadas em gêneros, raça e classe. Sendo assim, fica explícita a intenção de promover ações contra hegemônicas que promovam a ressignificação das produções da cultura corporal que, principalmente, padroniza os corpos.

Invisibilidade e dificuldades de toda ordem são marcantes desafios que mulheres, meninas e afrodescendentes, por exemplo, enfrentam, tanto nas diversas manifestações da cultura corporal, quanto nas frentes de produção acadêmica e atuação no Ensino Superior, ao debaterem abordagens ainda não hegemônicas (AUAD e CORSINO, 2018, p. 5).

Diante da necessidade de ressignificar as práticas da Educação Física e do esporte que historicamente também contribuíram para a padronização dos corpos e, conseqüentemente, com a hegemonia de certas formas de agir e ser no mundo, o documento analisado nesse trabalho promove deslocamentos que valorizam as diferenças e diversidades. Podemos observar a inclinação dos programas em relação as temáticas desenvolvidas pedagogicamente nesses discursos produzidos nas entrevistas com as alunas:

Igualdade de gênero é um tema recorrente nas rodas de conversa realizadas aqui na fundação (Aluna1, 2024, grifos do autor).

Também são realizadas brincadeiras de origem africana, de modo a valorizar essa cultura tão rica (Aluna1, 2024, grifos do autor).

Fica evidenciado na escrita do documento da Matriz, ancorado nos princípios do esporte educacional e na educação integral, que a inclusão de todos é algo fundamental nas ações e práticas dos programas. Os depoimentos abaixo registram essa impressão das entrevistadas:

Se um não pode fazer, faremos outra coisa ou mudaremos um pouco as regras do jogo para que todos sejam incluídos (Aluna2, 2024, grifos do autor).

Todas as atividades são realizadas de modo a incluir todas e todos independentemente de características físicas ou habilidades... serão feitas adaptações até que o mesmo consiga participar (Aluna1, 2024, grifos do autor).

Além da Matriz de trabalho, a Fundação Gol de Letra direciona o trabalho pedagógico dos programas através de um tema anual. Uma das alunas entrevistadas relatou o trabalho pedagógico voltado para o combate ao racismo, sendo esse um dos temas principais que aparecem como propostas da Matriz analisada.

A Fundação sempre tenta incluir problemas sociais como tema de aulas. Este ano mesmo temos como o tema principal das aulas o racismo e como combatê-lo (Aluna3, 2024, grifos do autor).

Em linhas gerais, tanto a análise do documento da matriz como as entrevistas realizadas com as alunas dos programas evidenciaram como resultado da pesquisa uma grande inclinação das propostas pedagógicas de atuação com Educação Física e esportes voltadas para a mitigação das desigualdades sociais. Através dos jogos e esportes tematizados nas aulas, as práticas pedagógicas visam promover reflexões sociais e atividades que valorizem o respeito às diferenças e a inclusão de todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, realizamos uma análise documental da Matriz de trabalho de dois programas da OSC Fundação Gol de Letra. Esta análise foi fundamentada principalmente na pesquisa das intenções pedagógicas da atuação com o público de crianças e adolescentes beneficiários desses programas no que diz respeito ao respeito às diferenças, equidades de gêneros, práticas antirracistas e outras interseccionalidades. Além de verificar o documento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com alunas dos programas para trazer para a pesquisa mais dados importantes da percepção das próprias alunas beneficiárias.

A pesquisa bibliográfica e o próprio referencial teórico da formulação que a instituição utiliza para o documento da Matriz, assim como a análise que realizamos, demonstram grande alinhamento com o currículo cultural da Educação Física. Neste caso, as práticas pedagógicas propostas para os programas têm ênfase nas tematizações dos esportes como possibilidades de práticas anti hegemônicas e decoloniais, ressignificando o modo operante que historicamente atravessou a Educação Física, principalmente subvertendo a lógica que prioriza os corpos que estão no padrão socialmente mais privilegiado para práticas esportivas, dando voz e vez aos indivíduos que, em geral ficam marginalizados nas atividades físicas.

O trabalho com a Educação Física e com os esportes passa a ser não apenas prático, focado no ganho de habilidades esportivas ou nas valências físicas. Os caminhos pedagógico seguem por reflexões sociais a partir das práticas corporais, tensionando lugares e percepções que podem parecer cristalizados. Essas práticas pedagógicas ficaram evidenciadas também nos discursos produzidos pelas alunas entrevistadas, que reforçaram a atuação dos programas focada em temas como igualdade de gênero, inclusão de todos e educação antirracista.

Finalizamos reforçando a importância de pesquisar sobre práticas que estejam alinhadas com a diminuição das desigualdades sociais nos diferentes setores da sociedade. Novas pesquisas podem ser feitas em escolas de educação básica que tenham atuação no mesmo território da OSC que analisamos. Uma nova pesquisa neste modelo poderá trazer um panorama mais amplo do trabalho com esporte e educação que acontece no bairro.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Educação Física Escolar: relações de gênero em jogo. São Paulo: **Cortez Editora**, 2015.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; GARCIA, Emília Fernández; RICO, Elena Ramírez; POLYDORO, Soely Aparecida Jorge. Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 26, n. 1, 2018. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/44074>. Acesso em: 11 jun. 2024.

ANDRADE, Edson Peixoto. Derrida e Deleuze: uma introdução à filosofia da diferença. **Prometeus**, Sergipe, Ano 10, Número 24, p. 151-161, setembro – dezembro 2017, E-ISSN: 2176-5960. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/7189>.

AUAD, Daniela. Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola. São Paulo: **Contexto**, 2006.

AUAD, Daniela; CORSINO, Luciano. Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física Escolar. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, e42585, 2018. DOI: 10.1590/1806-9584.2018v26n142585. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/PhXvvnvjSpRwf6vnmRskBmVD/> Acesso em: 21 mai. 2024.

BONI, Valdete. QUARESMA, Silvia Jurema Quaresma. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Vol. 2 n.º 1 (3), janeiro/julho, 2005, p. 68-80.

BRITO, Leandro Teófilo de. GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLAR: NORMATIZAÇÕES E DESLOCAMENTOS COTIDIANOS. **Caderno Espaço Feminino**, [S. l.], v. 28, n. 1, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/29708>. Acesso em: 28 maio. 2023.

COELHO, Gabriel Magalhães Rodrigues et al.. Os elos do caju – autonomia e participação através da gestão democrática de ensino em um projeto social na cidade do rio de janeiro. Anais IX CONEDU... Campina Grande: **Realize Editora**, 2023. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/94743>>. Acesso em: 23/08/2024 17:59

COLLINS, Patricia Hill. Interseccionalidade [recurso eletrônico] / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge ; tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: **Boitempo**, 2020.

CRESWELL, John Ward. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre, RS: **Artmed**, 2007.

DAOLIO, Jocimar. Da cultura ao corpo. 17 ed. Campinas, SP: **Papirus**, 2013.

DELEUZE, Gilles. Diferença e Repetição. Rio de Janeiro: **Graal**, 2006.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 5 ed. Rio de Janeiro: **Graal**, 1985.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP: **Paz e Terra**, 2011.

GADOTTI, Moacir. Educação Integral no Brasil: Inovações em processo. São Paulo, SP: **Instituto Paulo Freire**, 2009.

GONZALEZ, Lélia. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: **Zahar**, 2020. 375 pp.

LOPEZ, Felix Garcia (org). Perfil das organizações da sociedade civil no Brasil. Brasília: **Ipea**, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2014.

MELLO, Janine; PEREIRA, Ana Camila Ribeiro; ANDRADE, Pedro Gomes (orgs). Afinal, o que os dados mostram sobre a atuação das ongs? Análise de transferências federais e projetos executados pelas organizações da sociedade civil no Brasil. Brasília: **Ipea**, 2019.

NEIRA, Marcos Garcia. Educação Física Cultural: inspiração e práticas pedagógicas – 1. Ed. – Jundiaí [SP]: **Paco**, 2018.

NUNES, Hugo César Bueno; NEIRA, Marcos Garcia. A diferença no currículo cultural: por uma Educação (Física) menor. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 464–480, 2017. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.12i2.0010. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/8804>. Acesso em: 30 maio. 2024.

PARAISO, Marlucy Alves. Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 206-237, jan./abr. 2016. Disponível em: <
https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723817332016206/pdf_102> Acesso em: 04 jun. 2023.

SARAIVA, Maria Do Carmo. Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito. 2 ed. Ijuí: **Editora Unijuí**, 2005.



SEPULVEDA, Denize, GARCIA, Juan Leal; COELHO, Gabriel Magalhães Rodrigues; Xavier, Marco Antonio. Diversidade nos jogos olímpicos de tóquio 2020: em pauta gênero. In: SILVA, Ana Patrícia; MIRANDA, Márcia (orgs.). Diversidade nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 – Em pauta: gênero, raça e refugiados. Rio de Janeiro: CAP-TUBINO, Manoel José Gomes et al.. Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte. 1º Edição. Rio de Janeiro: **Senac editoras**, 2007.

TUBINO, Manoel José Gomes. Dimensões sociais do esporte. 3 ed. São Paulo, SP. **Cortez**, 2011.